

## Classificação dos marcadores de Tema no português paulista: uma proposta sob o prisma da Abordagem Multissistêmica

Fábio Izaltino Laura\*

**Resumo:** Neste artigo, mostramos alguns tipos de marcadores de Tema que ocorrem no português paulista, propondo uma classificação morfossintática para eles. Com base na Abordagem Multissistêmica (Castilho, 2007, 2010), consideramos o fato de essas construções poderem ser analisadas em todos os sistemas lingüísticos: lexical, semântico, gramatical e discursivo. A partir disso, mostramos algumas características gramaticais e discursivas dos marcadores de Tema encontrados no *corpus* de cartas do Projeto de História do Português Paulista.

**Palavras-chave:** português paulista; abordagem multissistêmica; construções de tema; marcadores de tema.

**Keywords:** In this article, we show some types of Theme markers that occur in São Paulo's Portuguese, proposing a morphosyntactic classification for them. Based on the Multissistemic Approach (Castilho, 2007, 2010), we consider the fact that constructions may be analyzed in all linguistic systems: lexical, semantic, grammatical and discursive. From this perspective, we show some grammatical and discursive characteristics of the Theme markers found in the *corpus* of letters of the Projeto de História do Português Paulista.

**Abstract:** São Paulo's Portuguese; Multissistemic Approach; Theme constructions; Theme markers.

### Introdução

As construções de Tema<sup>1</sup>, ou de Tópico, como preferem alguns teóricos, são geralmente analisadas, de um ponto de vista sincrônico, no nível do discurso, como funções pragmáticas (cf. DIK, 1997). Sob um ponto de vista diacrônico, essas construções podem, de acordo com outros linguistas, sofrer um processo de gramaticalização e passar a desempenhar a função de sujeito no nível gramatical (cf. GIVÓN, 1977).

Parte-se, neste texto, de um outro ponto de vista, o da Abordagem Multissistêmica – doravante AM – (cf. CASTILHO, 2007), que contraria as ideias de classificar as construções de Tema, ou quaisquer outras expressões da língua, como

---

\* Doutorando em Linguística, UNICAMP.

<sup>1</sup> Não estamos entendendo Tema, neste texto, com a mesma concepção da “Perspectiva Funcional da Sentença” como nos trabalhos de Ilari (1986) e Koch (2006), mas sim como um sinônimo de Tópico como nos trabalhos de Pontes (1989). Salienta-se que Dik (1997) usa o termo Tema com o mesmo sentido que estamos usando aqui.

pertencentes a apenas um nível linguístico ou outro e que desempenhariam funções apenas em um determinado nível, ou ainda, que nega a ideia de que uma expressão linguística evolua de um nível para outro (cf. CASTILHO, 2007). Assim, tem-se, neste artigo, um objetivo duplo. Em primeiro lugar, tenta-se mostrar que as construções de Tema podem ser analisadas tanto sob o prisma discursivo quanto sob o gramatical, salientando, como sustenta a AM, que as expressões linguísticas podem ser analisadas em qualquer sistema linguístico, seja o gramatical, discursivo, semântico ou lexical, dando especial atenção ao sistema gramatical e discursivo. Em segundo lugar, exemplificamos os casos de tipos de marcadores de Tema, ou tematizadores, que ocorrem no português paulista, mostrando uma classificação para eles.

Para alcançar este objetivo, utilizamos o *corpus* do Projeto da História do Português Paulista referente aos séculos XVIII, XIX e XX. Mais especificamente, utilizamos cartas de leitores e redatores da imprensa paulista (BARBOSA; LOPES, 2002); cartas privadas e administrativas (SIMÕES; KEWITZ, 2006) e cartas militares (SIMÕES, 2007).

Esquematizamos este artigo da seguinte forma. Na primeira seção, trazemos ao leitor a noção de marcadores de Tema. Na segunda seção, são mostradas as noções de construções de Tema na teoria funcionalista, focalizando como é a abordagem em um funcionalismo clássico (cf. CASTILHO, 2007) e como é na abordagem multissistêmica. Na terceira seção, exemplificamos e classificamos os casos de tematizadores que ocorrem no português paulista. Por último, fazemos nossas considerações finais.

### **A noção de marcadores de Tema**

De acordo com Trigo (2005), muitos autores fazem confusão com os conceitos de marcador de tópico x tópico marcado<sup>2</sup>. Para esse autor, tópico marcado se trata de sujeito em línguas que posicionam esta função no início da sentença e se opõe a tópico não marcado que se refere a outras funções colocadas em posição inicial. Dessa forma, os marcadores de Tópico seriam “marcas explícitas de função temática a nível da forma

---

<sup>2</sup> O que Trigo (2005) chama de Tópico, estamos chamando de Tema.

(uma determinada estrutura sintática, uma dada expressão, uma simples partícula, etc.)” (TRIGO, 2005).

Tendo em vista esta ideia, o autor estabelece alguns tipos de marcadores de tópico presentes no português europeu e no galego. A título de exemplo, verificam-se os seguintes casos do galego, entre outros:

- (1) (Y) (I) En canto a comer, n-a sua casa comíase bem.
- (2) Para mim, fatais só os filmes.
- (3) Non me doe nada. E doer doeu, é certo, pero agora é nada o que eu sinto.

Em (1), teríamos um marcador prototípico *en canto a a comer*, em (2) teríamos um marcador de sujeito psicológico, geralmente na primeira pessoa, como em *para mim*, e em (3), teríamos um marcador propositivo, referindo-se a tematização de verbos, especialmente no infinitivo, como mostra *e doer doeu*.

Para Porhiel (2005), marcação de Tema está associada à expressão linguística deslocada na cabeça da frase, constituída por um introdutor temático – uma preposição simples ou complexa – e um complemento – normalmente com características nominais. Veja-se o exemplo a seguir do francês:

- (4) *Pour ce qui est de la catégorie de la personne, elle se manifeste de deux façons.*

Por fim, em um trabalho sobre o processo de gramaticalização dos marcadores de Tema no francês, encontramos uma definição de marcação mais associada ao que se vai seguir aqui. Assim, os Marcadores de Tópico (topicalizadores) desempenham o papel de introduzir referentes ou conteúdo proposicional destinado a ser um tópico no enunciado que segue (COMBETTES; PRÉVOST, 2001; PRÉVOST, 2008). Trata-se de uma definição mais próxima das ideias sobre constituintes com função pragmática de Tema, desenvolvidas por Dik (1997).

### **Considerações acerca da noção de construções de Tema na teoria funcionalista**

Castilho (2007) estabelece diferenças entre a Abordagem Multissistêmica desenvolvida por ele e outras abordagens em Linguística, especialmente em relação às teorias funcionalistas e o modo como elas tratam a mudança linguística. Para mostrar como se dá o fazer científico no funcionalismo, o autor se vale das diferenças entre as ciências clássicas e as ciências dos sistemas complexos.

A ciência clássica sempre faz uma distinção dicotômica em suas formulações teóricas entre produto e processo, fazendo opção entre um e outro como bem mostra Castilho (2007) a oposição, nos estudos de Humboldt entre obra (érgon) x actividad (enérgeia), optando por enérgeia; ou, no estruturalismo saussureano, entre língua (langue) e fala (parole), optando-se pela língua; ou ainda no gerativismo, que opôs Língua I (interna ou intensional) dada pela competência x Língua E (externa ou extensional) dada pela performance, escolhendo a primeira. Castilho (2007, p.340), diferentemente dessas três concepções clássicas, coloca o trabalho com a língua dentro da ciência dos sistemas complexos.

Assim, para se aceitar a língua como um sistema complexo, devem-se ter duas premissas: uma refere-se aos produtos e a outra, aos processos. Em primeiro lugar, ao se falar sobre a produção, a definição de língua está associada à ideia de conjunto de processos mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional, o que significa que os processos de organização da língua em seu dinamismo operam simultaneamente (não sequencialmente), dinamicamente (não estaticamente) e multilinearmente (não unilinearmente). Seriam quatro os domínios de articulação e concentração dos processos: lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização. Em Castilho (1997), o processo de lexicalização ainda não aparecia na teoria, só mais tarde foi incorporado.

Em segundo lugar, ao se falar sobre os produtos, língua é considerada conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema, tem-se, assim, que a língua-enquanto-produto é o conjunto de categorias agrupadas ao mesmo tempo em quatro subsistemas autônomos (não há derivação nem hierarquização entre eles): Léxico, Discurso, Semântica e Gramática. O início da análise, sob a perspectiva da abordagem Multissistêmica, pode se dar por qualquer subsistema.

Para o uso eficaz da língua, a articulação dos processos e produtos se dá por princípios sociocognitivos. Esses princípios são sociais porque são baseados nas

situações de ato de fala e são cognitivos porque são baseados em categorias mentais. O papel básico dos princípios é gerenciar e ordenar os subsistemas linguísticos “garantindo sua integração para os propósitos dos usos linguísticos, para a eficácia dos atos de fala” (CASTILHO, 2007, p. 341).

Assim os dispositivos desempenhariam o papel de ativação, desativação e reativação de propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais na criação dos enunciados, o que constitui as expressões “postas no ar” pelo falante. Vale lembrar que os princípios operam ao mesmo tempo e não sequencialmente, e agem por acumulação de impulsos.

### **As construções de Tema na Gramática Funcional de Dik**

Para Dik (1989), as regras de ordenação fazem parte do componente de expressão da Gramática Funcional, o que implica que a ordem dos constituintes é um dos meios pelos quais se expressam formalmente as relações e as funções da estrutura subjacente – esta considerada não ordenada. Em razão disso, constituintes que aparecem mais à esquerda podem ter diversas funções no discurso, estando submetidos a razões pragmáticas e psicológicas.

Um constituinte com função de Tema especifica um conjunto de entidades em relação às quais a oração seguinte apresenta alguma informação relevante, conforme se pode observar em (5):

- (5) *Quanto ao José*, eu desejava que, vendido e liquidado o negocio (*sic*), elle viesse logo para aqui, a fim de tratar de seus estudos interrompidos ou de alguma outra cousa. (Laura, 2003)

A estratégia do falante, para esta estrutura de expressão linguística é: (i) aqui está alguma entidade *o José* com relação à qual eu vou produzir alguma informação; (ii) e aqui está o que eu quero dizer sobre ela: *eu desejava que, vendido e liquidado o negocio, elle viesse logo para aqui, a fim de tratar de seus estudos interrompidos ou de alguma outra cousa.*

Na verdade, um constituinte com função de Tema orienta o ouvinte com respeito aos Tópicos do discurso em relação aos quais o conteúdo da oração seguinte deve ser interpretado. Para Dik (1989), um constituinte com função de Tópico apresenta a entidade sobre a qual a informação é fornecida ou solicitada no discurso.

A propriedade mais importante do Tema é estar fora da oração propriamente dita. Dessa forma, não há razão para se considerar um Tema como deslocado à esquerda. No exemplo (6) a seguir, por exemplo, o Tema *suas despesas com automóvel* se relaciona com a oração por razões estritamente pragmáticas, não podendo, assim, ser governado por regras sintáticas. Há, porém, como se observa em (5) acima, casos nos quais o Tema se relaciona com a oração por meios sintático-semânticos.

- (6) Quanto às suas despesas com automóvel, ajustaremos contas depois. (Laura, 2003)

Um esquema para o exemplo (5) é (7a) abaixo, em que o Tema é retomado dentro da oração por um pronome. Em (7b), tem-se o esquema para (6), em que o Tema não é retomado na oração.

- (7) a. (x<sub>1</sub>)Tema, (...(x<sub>1</sub>)...)Oração  
b. (x<sub>1</sub>)Tema, (.....)Oração

Uma outra propriedade apresentada por Dik é o fato de o Tema geralmente preceder a Oração completa. O Tema também pode ter seu próprio *status* ilocucionário, diferente daquele da oração que o segue. Foram encontrados, na língua escrita, casos de Tema com ponto de interrogação – e até de exclamação – sugerindo que o status ilocucionário do Tema é diferente da oração, conforme (8) abaixo:

- (8) A prefeitura? Sim, foi ela que interrompeu a viagem que eu tinha certa para amanhã. (Laura, 2003)

A estratégia do falante nesse caso é: (i) você quer saber alguma coisa sobre o Tema X?; (ii) aqui está o que eu posso dizer sobre X... Esta é mais uma prova de que o

Tema está fora da oração, uma vez que a oração não pode ter duas modalidades ao mesmo tempo: uma interrogativa e outra declarativa.

O Tema não tem função sintática, nem semântica e, conseqüentemente, nenhuma marca correspondente à de seu constituinte correferencial dentro da oração. O Tema geralmente ocorre na forma não marcada, como se pode observar em (9). Podem, porém, aparecer casos em que o Tema é marcado por alguma partícula, conforme (10).

- (9) *As figurinhas das balas holandesas* – estas eram da nossa infância. (Laura, 2003)
- (10) *Quanto ao Jorge*, ele me parece sempre apressado, na prosa, só em Calunga tendo conseguido alguma forma de unidade. (Laura, 2003)

Com base nesses argumentos, pode-se dizer que o Tema origina-se fora da oração, e isso torna possível dizer que o Tema não é extraído da oração, como pesam alguns, mas, ao contrário, a oração é que é ajustada ao Tema.

### **As construções de Tema na Abordagem Multissistêmica**

Como já explicitado acima, a Abordagem Multissistêmica estabelece que as expressões linguísticas podem se desenvolver em categorias simultâneas em todos os sistemas da língua. Dessa forma, uma construção de Tema pode ser analisada tanto no sistema discursivo, quanto gramatical, além do semântico e lexical. Como se pode observar na seguinte citação de Castilho (2010):

[As construções de tópico] dispõem simultaneamente de propriedades discursivas (como tópicos do discurso), gramaticais (como sintagmas localizados fora dos limites sentenciais), semânticas (como expressões que representam ideias ausentes da memória de curto prazo) e lexicais (como um conjunto de palavras recrutadas praticamente em qualquer domínio do vocabulário). (grifos do autor). (CASTILHO, 2010, p.281)

A título de exemplo, tome-se a seguinte ocorrência extraída de Laura (2003):

- (11) *Os meus dois colegas* Condes de Valadares, e Povodile, o primeiro enjoou logo que saímos, o primeiro vomitou horrorosíssimamente e havia dias em que  $\emptyset$  vomitava cinco, e seis vêzes, porém com a felicidade que imediatamente  $\emptyset$  achava de vomitar,  $\emptyset$  entrava a comer com tanta vontade e gosto, que parecia que  $\emptyset$  não tinha tido nada. Com êste trabalho  $\emptyset$  estêve vinte e tantos dias de cama, porém já há dias que  $\emptyset$  passa bem, e  $\emptyset$  saiu desta tormenta mais gordo; o de Povodile passou os primeiros doze dias sem enjoar, e quando nos parecia que  $\emptyset$  seria o único que passasse bem, veio-lhe um ataque, da sua gota reumática com grandíssima fôrça que  $\emptyset$  tem feito padecer infinito; tive o gosto que as minhas prevenções lhe fôssem a ele de utilidade, porque o não consentir o meu médico que êle se sangrasse, o grande uso que lhe fêz fazer do leite das minhas burras,  $\emptyset$  obrigou a umas tais descargas que êle confessou que nunca  $\emptyset$  tivera maiores nem  $\emptyset$  recebera semelhante alívio em tão pouco tempo, finalmente  $\emptyset$  fica bom de forma que já  $\emptyset$  estêve capaz de ir tomar posse do seu Govêrno.

Este exemplo, do século XVIII, tem um Tema complexo (*Os meus dois colegas Condes de Valadares, e de Povodile*), pois, inicialmente, somente uma parte do Tema (*Conde de Valadares*) é retomada por uma anáfora lexical (*o primeiro*) com a função pragmática de Tópico Novo, que se estabelece, na seqüência textual, como um Tópico Dado até que se esgotem comentários sobre ele e só depois se passa a falar sobre a outra entidade introduzida pelo Tema (*Conde de Povodile*). O correferente (*o de Povodile*) torna-se, agora, um outro Tópico Novo, que se estabelece também como um Tópico Dado no texto até ser esgotado. Esta análise de Laura (2003), sob os pressupostos da Gramática Funcional de Dik (1997), não apresenta nada que possa ser desabonado pela Abordagem Multissistêmica, uma vez que estamos falando de tópicos discursivos, uma propriedade discursiva relacionada às construções de Tema.

Outras características, no entanto, devem ser exploradas, agora sob o enfoque da Abordagem Multissistêmica. A primeira diz respeito a propriedades gramaticais. A expressão linguística posicionada no início da sentença (*Os meus dois colegas Condes de Valadares, e de Povodile*) se caracterizaria sintaticamente como um Sintagma Nominal com função de sujeito dentro da primeira oração que o segue. Esta função sintática é possível de ser verificada na Abordagem Multissistêmica por meio do

princípio de projeção<sup>3</sup>, que, conforme Castilho (2010), explica a colocação das palavras na sentença. No caso do exemplo acima, houve a movimentação de um determinado constituinte para a esquerda da sentença.

Uma outra propriedade que também deve ser observada diz respeito ao sistema semântico da língua. Note-se que a expressão da construção de Tema é feita por elementos que não estão na memória de curto prazo do interlocutor. Pode-se tratar, como afirma Laura (2003), do conhecimento partilhado entre escritor e leitor da carta. O locutor pressupõe, dessa forma, que seu interlocutor sabe, mesmo que não tenham sido mencionados no texto, quem são os Condes de Valadares e de Povodile e que ambos são amigos do escritor da carta.

Por fim, no que se refere ao sistema lexical, podem-se observar expressões comuns do vocabulário da língua portuguesa na forma de substantivo (*amigos*), pronome (*meus*), artigo (*os*), numeral (*dois*).

### **Os tematizadores no português paulista**

Nesta seção, propõe-se uma classificação dos tematizadores com base em características morfossintáticas, exemplificando os tipos de partículas especiais que são usadas para marcar as construções Tema no português paulista, ou seja, os tematizadores, em cartas escritas no período concernente aos séculos XVIII, XIX e XX. Assinalam-se também algumas particularidades associadas a essas partículas, em especial nos contextos mostrados aqui.

Combettes e Prévost (2001) e Prévost (2008) estabelecem uma classificação morfossintática dos tematizadores na língua francesa. Nessa perspectiva, os marcadores podem ser classificados em (i) sintagmas preposicionados, como *à propos de*, *au sujet de*, *quant à*, etc; (ii) formas verbais participiais, como *s'agissant de*, *concernant*, etc e (iii) locuções formadas de preposição mais pronome relativo, como *pour ce qui regarde*, *en ce qui concerne*, *pour ce qui est de*, etc.

---

<sup>3</sup> Castilho (2010) adota o sentido mais comum que se tem na língua de projeção, o de “lance, arremesso”, para mostrar como ocorre esse princípio na língua. Deve-se lembrar que o princípio de projeção pode ser aplicado a qualquer sistema da língua.

O que se pode notar é que o português paulista também apresenta esta mesma classificação. Assim, em relação aos sintagmas preposicionados, encontramos casos com *sobre*, *quanto a* e *relativamente a*. Começemos com um exemplo do século XVIII referente a *sobre*:

- (12) **Sobre iSso** enaõ Sey Sefoi mas alguã or dem devossaExcelencia que sendo eu ofiSsial [p. 2] OfiSsial da camera afiZeraõ Sem medar parTe (Cartas de militares e capitão mor de São Sebastião e Vila Bela, 3 de dezembro de 1722)

Veja que, neste exemplo, o tematizador *sobre* antecede o demonstrativo *isso*, o que indica que o escritor da carta usa uma construção de Tema para, no sistema discursivo, tornar algum referente citado anteriormente no texto o tópico discursivo a ser desenvolvido a partir de então. Gramaticalmente, pode-se observar que, neste exemplo, a construção de Tema não apresenta um correferente dentro da oração. Estas mesmas características podem ser observadas também no exemplo a seguir do século XIX. Observe, no entanto, que o demonstrativo *este*, neste caso, está associado ao nome *objecto*.

- (13) **Sobre este objecto** ja declarei meus sentimentos em hũa | memoria, ou informaçãõ, que dirigi em 1816 ao Doutor | Dezembargador, e Ouvidor de Itu Miguel Antonio | de Azevedo, eanda comosdocumentos, que acompanharãõ | ao Officio, que V.Ex.<sup>a</sup> fez-me ahonra dirigir; a elle | ||2v. pois me reporto submettendo o meu parecer a outro | qualquer, que for mais util aoServiço d.'El Rei Nos= | so Senhor, eao bem dos Povos desta Capitania. o sintagma [comosdocum.tos] aparece rasurado no trecho sublinhado, o que pode permitir uma outra leitura. (Cartas de leitores e redatores, 14 de outubro de 1820)

Todavia, no exemplo, a seguir, do século XX, o demonstrativo *aquelas* tem a função, não de trazer um elemento que antes fora citado no texto, mas trazer para o texto um referente que é conhecido pelos interlocutores, ou seja, trata-se de um conhecimento partilhado entre os interlocutores. Da mesma forma, tanto escritor quanto leitor sabem do que se trata o referente *gravações* na posição de Tema no exemplo

abaixo. Castilho (2008) já tratara do uso dos demonstrativos na inserção e retomada dos tópicos discursivos.

- (14) ***Sobre aquelas gravações, eu já estou comprando as fitas e<a>guardando o novo catálogo pra ver se chegou + novidades.*** (Cartas particulares de VK, 08 de janeiro de 1991)

Passemos agora aos casos de *quanto a* encontrados no português paulista. Começemos com um exemplo do século XVIII.

- (15) **Em quanto ao que ella continha**, talvez serião palavras picantes, talvez serião indecentes, talvez serião sòmente ambiguas, talvez serião as mais innocentes do mundo, talvez serião expressões incorrectas, talvez semelhante parenthese nem existio. (Aldeamento de Índios, século XVIII)

Neste caso do século XVIII, aparece ainda uma forma que talvez seja a mais antiga – *em quanto a* – como marcadora do Tema, mas pode também encontrar nesse mesmo século a forma *quanto a* com a supressão de *em*, como se pode ver no exemplo (16) abaixo:

- (16) **Quanto ao requerimento dos In dios** he verdadeiro naparte *que* dis ser oactual *Capitam* Mor João de Lima, tibio frouxo, einneto *para* governar, pois alem dele ver estes defeitos gerais nos Indios do Brazil, creio *que* nele reina mais a priguica (Aldeamento de Índios, século XVIII)

Isso pode indicar que as duas formas ocorreram simultaneamente, pelo menos no século XVIII, e que a forma *em quanto a* pode ser a mais antiga. Salienta-se que, no entanto, um estudo que se voltasse para séculos anteriores ao XVIII poderia confirmar isso. É interessante observar, nesse aspecto, que *em quanto a* aparece em outras línguas neolatinas como marcador de Tema, é o caso, por exemplo, do galego em (17) abaixo.

- (17) **(Y) (I) En canto a** comer, n-a sua casa comíase bem. (TRIGO, 2005)

Nos séculos XIX e XX, no entanto, a forma *quanto a* é a única entre as duas encontradas no português paulista. Observe exemplos destes dois séculos:

- (18) **quanto ao pessoal** é o menos sujo possível: sommos 3 estudantes, teem mais: engenheiros, agrimensores, desenhistas e 2 bachareis *que* são os chefes da repartição e dous rapazes mais que deixaram os estudos: de modo que não posso estar melhor servido
- (19) **Qto as letras de 'Tonw of Crows' e 'Crocodiles'** eu tbém ã achei por aqui, mas "esperança é a última que morre", né? (carta particulares do século XX, 08 de janeiro de 1991)

Deve-se notar que, da mesma forma que *sobre*, a partícula especial *quanto a*, nestes exemplos, é utilizada como introdutora de tópicos discursivos. Assim, propriedades típicas de tópicos discursivos (cf. Jubran, 2006) estão presentes nos trechos citados acima e mesmo nos outros exemplos a serem citados no decorrer deste artigo. Um tópico discursivo pode ser descrito da seguinte maneira, o que está de acordo com algumas propriedades da marcação de Tema apresentadas anteriormente:

O tópico decorre de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada num complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o grau de conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos compartilhados entre eles, sua visão de mundo, o background de cada um em relação ao que falam, bem como suas pressuposições. (JUBRAN, 2006, p. 90)

*A respeito de e relativamente a* são outros dois exemplos de tematizadores que ocorrem no português paulista:

- (20) **arespeito dos dois nomeados no re querimento para Capitains Mores** o Felis daCunha ja eser ceo odito posto e teve baixa infame por intrigante, bebado, emais vicios abominaveis, o Joaquim Correa he o Soldado men cionado neste requerimento *que* deo pancadas noactual Capitam Mor, não he dos peiores

Índios desta Aldeia, he rapasagil, so oaxo algum tanto propenso aenbriages, defeitogeral dos Índios. (Aldeamento de Índios, século XVIII)

- (21) **Relati -vamente á proposta que eute tinha dito que ia conversarcom o Antonio** ficou emnada; nem de leve toqueino assumpto (cartas particulares de Washington Luiz, século XIX)

Em certa medida, veja que o exemplo (20) acima com *a respeito de* tem características parecidas com o do exemplo (11) dado anteriormente. Veja que o escritor da carta introduz o tópico discursivo *a respeito dos dois nomeados no requerimento para Capitains Mores* e, depois, retoma os dois nomes nas sentenças subseqüentes, bifurcando, assim o supertópico em dois subtópicos. Primeiramente, desenvolve-se o tópico *Felis da Cunha*, um dos nomeados, e, posteriormente, desenvolve-se o outro tópico relativo ao segundo nomeado, *Joaquim Correa*.

O segundo grupo de tematizadores descritos por Combettes e Prévost (2001) e Prévost (2008) que aparecem no português paulista refere-se aos tematizadores com formas verbais participiais. No entanto, os exemplos encontrados no português paulista são com as expressões *em se tratando de* e *por falar em*, que poderiam ser mais bem descritas como casos de orações reduzidas por gerúndio e por infinitivo. Todas estas ocorrências datam do século XX, o que indica se tratar de expressões mais recentes no português paulista, pelo menos no que tange à marcação de Tema. Veja os dois casos:

- (22) **Em se tratando da festa**, preferimos uma coisa mais íntima. (cartas particulares do século XX)
- (23) **Por falar em aniversário**, você vai via-jar no carnaval nos dias 8, 9, 10, 11 e 12 de fevereiro? (cartas particulares do século XX)

Ambos os exemplos estão em uma mesma carta. Trata-se de uma carta extensa com a presença de vários tópicos discursivos, ou, pelos menos, dois supertópicos: a banda de rock *Echo & the Bunnymen* e a festa de aniversário da escrevente. No primeiro exemplo, com *em se tratando de*, a escrevente seleciona um tópico a ser desenvolvido por um determinado tempo. O mesmo ocorre no exemplo (23) com *por falar em*. Deve-se notar, no entanto, que *por falar em*, apresenta uma particularidade. A narradora

estava “falando” sobre música, discos e CDs que havia comprado e ganhado. Veja um trecho:

- (24) Eu ganhei alguns discos e os levei p/ tro-||car e veio esse do Echo e um do "Waterboys".O "Ocean Rain" eu vou ganhar de aniversário, ah! **Por falar em aniversário**, você vai via-||jar no carnaval nos dias 8, 9, 10, 11 e 12 de fevereiro? Não viaja não, álias, viajasim! Vem pra cá, please! Dia 11/02 [rasurado, 1 palavra]o pessoal lá da [rasurado, 2 palavras] <Treibhaus> vai me dar uma festa que só vai das 0:00h até o último sobrevivente, ré, ré, ré ...

Repare que a escrevente fala sobre um disco que iria ganhar de aniversário. Isso faz com que a narradora ative *aniversário* como tópico discursivo a partir da sequência seguinte, iniciando essa sequência por meio de uma construção de Tema marcado pela expressão *por falar em*.

A última classe de tematizadores refere-se à locuções formadas de preposição mais pronomes relativos. São os casos de *no que toca a*, *no que tange a*, *no que se refere a*, *no que concerne a*, entre outros, que poderiam ser descritos como orações adjetivas sem cabeça. No entanto, foram encontrados, no *corpus* do português paulista, apenas exemplos com *no que toca a*, exemplificados abaixo:

- (25) **No que toca ao Ser Rigurozo eu no Castigo**, Vossa Exce llencia Sepode mandar informar porpe Ssoa *que* neste particullar falle dezentre Sado, *que* lhe afirmo a Vossa Exce lencia Cia *que* há hum anno, e hum mes *que* estamos aqui, Somente ahum Índio por nome Salvador, pedy ao Coronoe Francisco Pintto o mandasse Castigar (Aldeamento de Índios, 21 de setembro de 1735)
- (26) **eno que toca a os índios** não digo a Vossa merce nada, pois detudo tem noticia *que* Veviam e [rasurado] morriam Como erege (Aldeamento de Índios, 24 de agosto de 1735)

Ambos os exemplos são do século XVIII. Em ambos os exemplos, pode-se observar novamente que o escritor, por meio dos Temas marcados, introduz um tópico no discurso para desenvolvê-lo a partir daí.

Interessante dessas formas com preposição mais pronome relativo é o fato de que elas podem coocorrer com variantes como *no tocante a*, *concernente a* – que seriam os casos de formas participiais descritas acima –, *com referência a*, entre outras.

### Considerações finais

A partir das ideias da Abordagem Multissistêmica Castilho (2007, 2010) acerca da simultaneidade dos sistemas, mostramos que o Tema e, em especial, os tematizadores podem ser analisados, nessa perspectiva, em todos os sistemas linguísticos, apresentando alguma particularidade nos sistemas lexical, gramatical, semântico e discursivo.

Por outro lado, mostramos também algumas ocorrências de tematizadores na história do português paulista estabelecendo uma classificação desses marcadores em três grupos: (i) os preposicionais *sobre*, *quanto a*, *relativamente a* e *a respeito de*; (ii) participiais e orações reduzidas por gerúndio *em se tratando de* e *por falar em*; (iii) a forma com preposição e pronome relativo *no que toca a*.

Por outro lado, foi mostrada também a característica discursiva dos tematizadores de ativar um tópico do discurso.

### Referências bibliográficas

BARBOSA, A.; LOPES, C. **Críticas, queixumes e bajulações na imprensa brasileira do século XIX. Cartas de Leitores**. RJ, UFRJ/Faperj, 2006.

CASTILHO, A. T. Abordagem da língua como um sistema complexo: contribuições para uma nova Linguística Histórica. In: CASTILHO, A. T. de; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L. (orgs.) **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro**. São Paulo: FAPESP, Campinas: Pontes Editores, 2007. p.329-360.

\_\_\_\_\_. Demonstrativos. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. **Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. pp. 117-136.

\_\_\_\_\_. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

COMBETTES, B.; PRÉVOST, S. Evolution des marqueurs de topicalisation. **Cahiers de praxématique**, 37, 2001, p.103-124

DIK, S. C. **The theory of Functional Grammar**. Volume 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 1989.

\_\_\_\_\_. **The theory of Functional Grammar**. Volume 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997

GIVÓN, T. **On understanding Grammar**. New York: Academica Press 1977.

JUBRAN, C. A. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. A. S.; KOCH, I. G. V. **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. pp. 89-132.

LAURA, F. I. **A expressão do Tema em Português: do século XVIII ao século XX**. 2003. 82f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto.

PORHIEL, S. Les marqueurs de thématization: des thèmes phrastiques et textuels. **Travaux de linguistique**, nº51, 2005, p.55-84.

PRÉVOST, S. Quant à X et á propôs de X du XIV<sup>e</sup> au XVI<sup>e</sup> siècle. **L'information grammaticale**, nº118, juin 2008.

SIMÕES, J. da S.; KEWITZ, V. **Cartas dos séculos XVIII e XIX: aldeamento de índios, cartas paulistas da BNRJ e correspondência passiva de Washington Luiz**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

SIMÕES, J. da S. **Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro**. Volume 2. 2007. 97f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TRIGO. I. B. Marcadores explícitos de tópico em Galego e Português: equivalências e divergências. In: RIO-TORTO, G. M.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. vol. 1. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p.253-262.

Artigo recebido em: 31.03.2012

Artigo aprovado em: 22.06.2012